

EMPRESAS ANTIGAS DE SUMARÉ

Texcolor S.A. Beneficiadora de Tecidos

AUTOR DO TEXTO



Alaerte Menuzzo

Professor de História e
Diretor da Pró-Memória

Até a década de 1960 as tecelagens concentravam suas atividades principalmente na fabricação de tecidos. Existiam empresas que prestavam serviços dentro do segmento, como fiação, engomagem, tinturaria e estamparia. Modernamente as empresas têxteis têm sua produção totalmente verticalizada, ou seja, do fio à fabricação do produto final, como por exemplo confecções.

Sumaré já teve uma Fiação e uma Engomagem, que vendia produtos ou prestava serviços para tecelagens. Nessa década a maior empresa têxtil de Sumaré era a Gifran. Uma das preocupações dessa indústria era com o acabamento de seus produtos, que tinham que passar por tinturarias e estamparias. A preocupação da Gifran era semelhante à de algumas grandes tecelagens de Campinas.

Num determinado ano três empresas campineiras e a Gifran se uniram e criaram a Texcolor, que seria uma Estamparia e Tinturaria, que serviria as quatro, que eram a Gifran, a têxtil de Feres Salim, a empresa de Mokarzel e a têxtil de Cury Zákia.

A Texcolor foi construída no Jardim Santa Terezinha em um terreno que era de propriedade de José Maria Matosinho, e ficou sob a presidência de Plínio Giometti, o gerente da Gifran. Além de Feres Salim, uma pessoa de renome no cenário político campineiro, a Texcolor trouxe outro nome de relevância para trabalhar na parte administrativa: Alduíno Zini.

Mas a Texcolor inicial não tinha maiores pretensões além de servir as quatro tecelagens. Então o grupo decidiu vendê-la para um empresário especializado no ramo: Rafic Farkouh, dono da Beneficiadora Paulista de Tecidos, da capital paulista. Isso em 1971.

Com Rafic veio o filho Aref Farkouh, que passou a gerenciar a fábrica e criar outros segmentos importantes do ramo têxtil. A empresa de São Paulo foi incorporada à Texcolor e teve início uma grande expansão comercial da Texco-



Construção da Texcolor (década de 1960)



Fachada da empresa na década de 1990



Jantar com ex-funcionários em 27/01/2004

lor, principalmente depois de começar a fabricar produtos de cama, mesa e banho.

Aref e o pai Rafic criaram um grande vínculo com os 800 funcionários, que elevaram o nome da Texcolor às alturas. E a Texcolor integrou-se ao município, oferecendo bons empregos, participando de eventos anuais promovidos pela Prefeitura Municipal, principalmente nas comemorações do Dia do Trabalho, participando de desfiles e de torneios esportivos. A Texcolor promovia festas anuais com seus funcionários e pagava bem

seus salários. Uma vila de moradias foi construída ao lado da fábrica, que abrigava muitas famílias de funcionários.

Em resumo: trabalhar na Texcolor era uma coisa boa, porque além das condições de trabalho, dava status. Aref continuou a se reunir com seus funcionários em jantares, mesmo depois de vender a Texcolor. Mas tudo que é bom não dura para sempre. Em 1995, Aref e o pai Rafic resolveram vender a empresa para um grupo empresarial de renome no País. Foi bom para eles, mas não tanto para os

funcionários que assistiram a empresa ser lentamente desmontada pelos novos donos. A quase totalidade dos maquinários foi transferida para outras empresas do grupo. A produção foi interrompida. E hoje as instalações, que eram modernas, viraram sucata. Só restou a saudade dos bons dias da Texcolor.

Mas o município não perdeu. Aref, como grande empresário que era, continuou investindo em Sumaré. Entre outras coisas, hoje o município tem, graças a ele, o PIB (Parque Industrial Brasileiro) e Shopping ParkCity.



Aref Farkouh



Rafic Farkouh

Folclore Sumareense

Pórca do Carroção

Os imigrantes italianos radicados em Sumaré, de modo geral tinham um comportamento semelhante: eram pão-duros. Os anos vividos no velho continente e nos primeiros anos no Brasil ensinaram-lhes a economizar ao máximo. Na verdade, muitos deles passaram fome e necessidades nesse período.

Era natural que fossem econômicos em todos os sentidos. Que o digam os filhos, moços ou moças que trabalhavam sete dias por semana, 12 ou mais horas por dia e tinham que pedir migalhas ao pai para poderem passar um fim de semana na vila de Rebouças.

Um desses agricultores, muito abastado, fazia viagens regulares a Rebouças a pé ou eventualmente com uma carroça. Tinha amealhado boa economia, suficiente para ter uma condução melhor e mais apropriada para suas necessidades e da família, mas preferia economizar.

Num determinado dia alguém o encontra na estrada rumando para Rebouças, debaixo de um sol causticante. E lhe pergunta o porquê do percurso a pé. A resposta dada entrou para o folclore da cidade, por conta de seu linguajar italiano misturado com caipira:

- Tô ino pra Reborças porque tô sem condução. É que quebrô a pórca do carrosom...

Alaerte Menuzzo

Associação Pró-Memória de Sumaré

Temos um acervo de aproximadamente 250.000 e documentos e 150.000 fotos. Se tiver interesse em preservar as fotos de sua família ou publicá-las, dirija-se ao Centro de Memória. Estudantes, professores, pesquisadores e população em geral são sempre bem-vindos. A Associação Pró-Memória é uma entidade particular, sem fins lucrativos. Se você quiser ajudá-la a se manter ou ampliar suas atividades, torne-se um sócio. Custa R\$ 30,00 por mês. Por conta disso, você recebe todas as publicações semanais da Pró-Memória.

Praça da República, nº 102, Centro, Sumaré/SP
F: (19) 3803-3016
promemoriasumare@gmail.com